

«El Hombre Fósil»

No volume xxv (1921-1922) desta Revista, p. 305, dava o seu eminente director uma notícia sucinta da importância que o estudo da pre-história vai ganhando na vizinha Espanha, mercê das grandes riquezas da antiguidade encerradas no seu solo, e do muito que nela vão trabalhando neste ramo da ciência numerosos investigadores tanto nacionais como estrangeiros. De então para cá ainda mais se têm feito notar êsses progressos.

Recordemos, com L. Pericot¹ (*La Prehistoria de la Península Ibérica*, Barceloua, 1923), que depois dos trabalhos de Villamil y Castro, Tubino e Macpherson, foi o Congresso Internacional de Lisboa (1880) que deu grande impulso aos estudos pre-históricos na Península. Pouco depois dessa data apresentava Cartailhac o primeiro trabalho de conjunto sobre a pre-história peninsular: *Les âges pré-historiques de l'Espagne et du Portugal*, e Estácio da Veiga as suas *Antiguidades monumentais do Algarve*. Iniciavam-se também as importantes escavações dos dois irmãos Siret no sudeste da Península, que tanta luz viriam a dar ao período intermediário entre a época da pedra e a dos metais. Ao norte com o descobrimento felicíssimo de M. de Sautuola aparecia-nos a esplêndida gruta de Altamira, o mais belo monumento de arte pre-histórica conhecido até nossos dias, enquanto Bonsor trabalhava em Carmona, e Sanpere i Miquel, Vidal, Rubio de la Serna e Segarra na Catalunha. Nos primeiros anos do século actual Pierre Paris propõe o problema da chamada questão ibérica (1904-1905); L. Siret continua as suas metódicas escavações; surgem as ruínas de Numância, graças aos esforços do alemão Schulten e duma comissão dirigida por Mérida; o falecido Marquês de Cerralbo custeia e dirige as escavações nas províncias de Sória, Guadalajara e Saragoça, que haviam de immortalizar o seu nome; Vives estuda a cultura cartaginesa de Eivissa e os monumentos megalíticos das Baleares; o P.^o Furgus investiga a cultura ibérica e argárica dos arredores de Orihuela; Aranzadi em colaboração de Ansoleaga, Barandiaran e Eguren oferecem-nos os primeiros estudos sistemáticos da pre-história vascongada.

O falecido príncipe Alberto de Mónaco lembra-se mais tarde de fundar em Paris o Instituto de Paleontologia Humana, que tomou quasi à sua conta o estudo das pinturas rupestres cantábricas, além de subsidiar escavações importantíssimas, principalmente na parte norte da Península, realizadas por Breuil, Obermaier, P. Wernert

e J. Bouyssonie. Actualmente o movimento alastra e progride a olhos vistos: em Madrid fundam-se a «Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas» e a «Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades»; em Barcelona, em tórno do illustre professor Bosch Gimpera agrupam-se Serra Ráfols, Castillo, Pericot (recentemente trasladado à Universidade de Santiago), e outros, dando-nos o «Servei d'Investigacions Arqueològiques de l'Institut d'Estudis Catalans», o «Seminari de Prehistòria», a «Associació Catalana d'Antropologia, Etnologia i Prehistòria», etc.

Na Galiza também o estudo da sua prehistória vai surgindo pouco a pouco do atraso em que jazia, encontrando-se à frente dêsse movimento os nomes de Obermaier, Castillo, Pericot, Maciñeira e outros. Muito contribuirá para êsse estudo o «Seminario de Estudios Gallegos» fundado recentemente na Universidade de Santiago e a publicação levada a cabo pela Faculdade de Filosofia e Letras da mesma Universidade, dos materiais que andam dispersos pela Galiza, iniciada há pouco por Pericot com a erudita e interessante monografia sobre os vasos campaniformes da colecção de D. Santiago La Iglesia.

Ao citar o nome dos investigadores espanhóis actuais Conde de la Vega del Sella, Barradas, Bosch, Pericot, Castillo, Cabré, Cazurro, Carballo, Hernández Pacheco, Ibero, Morán, Motos, etc., não devemos esquecer os estrangeiros que deram a estes estudos o mais forte impulso, alguns dos quais já faleceram. São eles Cartailhac, Breuil, Obermaier, P. Paris, Schulten, Bonsor, os dois irmãos Siret, Montelius, Wilke, H. Schmidt, Déchelette, Sandars, Leeds, Åberg, Schuchardt, Lartet, Verneuil, etc., sem falar de novo dos trabalhos do Instituto de Paleontologia Humana de Paris.

Em 1922 fundava-se também na Universidade Central de Madrid uma nova cadeira a que deram o nome de *Historia Primitiva del Hombre*, complemento já hoje indispensável do programa de estudos da secção de história.

Com razão, pois, o S.^o D.^o Leite de Vasconcelos afirma que a Espanha enfileirou num momento com as nações que hoje mais cultivam a arqueologia.

Em Agosto de 1914, ao estalar a guerra europeia, encontrava-se realizando escavações na gruta de El Castillo (Santander), por conta do Instituto de Paleontologia Humana de Paris, o professor Hugo Obermaier, bávaro de nação, e já então conhecidíssimo por numerosos trabalhos publicados sobre pre-história. A sua nacionalidade fez com que durante os anos de 1914-1918 se visse impedido de sair de Espanha, começando então a estudar *in situ* a riquíssima

pre-história das Astúrias com o ilustre Conde de la Vega del Sella, actualmente um dos maiores pre-historiadores espanhóis.

Interessando-se cada vez mais com a pre-história espanhola, publicava o mesmo professor alemão em 1916 a sua grande obra *El Hombre Fósil*, de que em 1925 aparecia já a segunda edição¹.

O D.^o Obermaier seguiu a carreira eclesiástica, cursando as aulas de filosofia e de teologia na Universidade de Viena de Áustria, em



Prof. D.^o Hugo Obermaier

que se doutorou na primeira disciplina. Estudou também na mesma Universidade os cursos de geologia e arqueologia pre-histórica, tendo como professores a Hoernes, Penck e Toldt. De 1909 a 1911 fica em Viena professor da Universidade, e em 1911 vemo-lo já em Paris, no Instituto de Paleontologia Humana, de que é nomeado professor juntamente com o Rev.^{do} P.^e H. Breuil, outro eclesiástico e um dos mais eminentes pre-historiadores modernos. É membro de inúmeras academias científicas e tem publicado numerosas monografias sobre geologia, paleontologia e arqueologia quaternárias, em francês, alemão,

russo, inglês e espanhol. Foi nomeado em 1922 professor da cadeira de «Historia primitiva del Hombre», na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid.

As suas principais obras de conjunto são a alemã *Der Mensch der Vorzeit* (512 páginas, Berlim 1912), traduzida em russo no ano seguinte; a espanhola *El Hombre Fósil* (397 páginas, Madrid 1916), acomodada e traduzida em inglês por «The Hispanic Society of America» (495 páginas, New Haven 1924), e agora a segunda edição de *El Hombre Fósil*, que aparece quási totalmente refundida. É desta obra que nos propomos dar aos leitores d'*O Archeologo Português* uma síntese, tanto quanto possível completa, visto não poder ela

¹ Hugo Obermaier, *El Hombre Fósil*. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. Memoria número 9. Segunda edición refundida y ampliada. Madrid 1925.

faltar hoje na estante de quem se queira dedicar aos estudos do passado.

El Hombre Fósil é actualmente a obra de carácter geral mais completa que existe sobre pre-história. Assim, por exemplo, a de Marcelin Boule, *Les Hommes Fossiles*, cuja segunda edição apareceu há três anos, é sobretudo um estudo antropológico do homem fóssil, como indica o próprio autor no prólogo do livro. Além disso, a obra do professor Obermaier tem um interesse particular para quem de-seje conhecer os principais descobrimentos pre-históricos, realizados na Península.

Encontra-se dividida em dez capítulos, tendo aditado nêles o autor bastantes elementos importantes aos que encerrava a primeira edição.

O capítulo em que critica a questão do *Homem terciário* forma uma pequena monografia de valor inestimável. Todos por certo nos lembramos da atitude tomada pelo Autor, principalmente no Congresso Internacional de Mônaco (1906), diante da questão dos chamados eólitos terciários, atitude baseada nas célebres experiências de Mantes. Êste mesmo problema acaba de ser de novo suscitado recentemente pelos descobrimentos efectuados em Inglaterra por J. Reid Moir, excitando os ânimos e conseguindo converter pelo menos parcialmente alguns *eolitófobos* como Breuil e outros. Contudo o artigo de E. Patte publicado no número 1-2 do tómo xxxvi de *l'Anthropologie* (1926), e consequentemente posterior à obra que examinamos, obriga-nos a estar prevenidos contra os primeiros entusiasmos. Efectivamente, ainda há pouco se repetiu nas fábricas de cimento *Portland* de Beaumont-sur-Oise a experiência levada a cabo em 1905 pelo professor Obermaier em Mantes: pela simples acção dos trituradores puderam obter-se artificialmente instrumentos *rostracarina*tes muito parecidos aos de Inglaterra.

Nota-se imediatamente que o estudo do glaciário é feito por um especialista. Ê bem sabido que o Autor pôde comprovar em 1905 nos Pirinéus franceses a existência das quatro aluviões flúvio-glaciárias, correspondentes ao mesmo número de períodos glaciários encontrados nos Alpes por Penck e Brückner; nos Picos de Europa encontrou vestígios seguros de dois períodos glaciários, correspondentes ao terceiro e quarto períodos alpinos, mas nos restantes centros glaciários de Espanha apenas viu restos dum só período, em correspondência com o quarto alpino. Estes dados são importantes para assentar fundadamente a teoria do poliglaciário europeu, e os que nos oferecem os geólogos americanos são também suficientes para demonstrar o mesmo fenómeno geológico no novo Continente.

¿A que se deve atribuir esta sucessão de períodos glaciários? A recente teoria de Wegener acêrca da migração dos polos é que explica mais satisfatòriamente os períodos glaciários anteriores ao quaternário, em vista da sua repartição geográfica pelas mais variadas regiões da terra, porém «não resolve o problema das causas do glaciatismo quaternário, que foi um fenómeno absolutamente geral a todo o globo, estendendo-se com uma harmonia surpreendente desde as regiões polares até às equatoriais». Muito provàvelmente êste fenómeno tem origem em causas cósmicas de igual influência para toda a terra.

Estes grandes períodos glaciários, de que antes falámos, encontram-se incluídos na época quaternária, não existindo motivo suficiente para atribuir o primeiro período ao plioceno, conforme opinam Boule e Schlosser. O clima cálido do plioceno e outros argumentos paleontológicos de valor confirmam bastante a primeira hipótese.

Com respeito à distribuição geográfica da fauna quaternária, é curioso observar que o limite extremo meridional da rena na Europa chega até à costa cantábrica e à província de Geróna em Espanha, e à Costa Azul em França, emquanto que o mamute, não passando muito além dos Pirinéus, desceu até a parte média da Itália, norte dos Balkans e litoral sul do Mar Negro. O antilope Saiga, tendo deixado vestígios seus em toda a Europa central e até mesmo, ainda que raramente, no sul da França, não penetrou na Península Ibérica.

No capítulo IV chega o Autor a certas conclusões que se apartam algum tanto de outras formuladas anteriormente na primeira edição da obra. Em conformidade com o que já publicara no *Boletim de la Real Academia de la Historia* (tômo LXXVI, 1920, pp. 214 a 219), e noutras revistas, determina o roteiro e a repartição geográfica de cada um dos períodos do paleolítico antigo na Europa. Parece que o chelense se foi estendendo do sul (Ásia menor, Síria e África do norte), pela via do Mediterrâneo e através da Península Ibérica e da Itália até se introduzir na Europa Ocidental. Aparece na mesma época outro paleolítico primitivo sem *coups-de-poing*, com artefactos que são verdadeiros protótipos do mustierense e com fauna contemporânea do chelense e acheulense antigo: é o período pre-mustierense do Autor, e que provém, com toda a probabilidade, da Europa oriental, encaminhando-se daí para a central.

O acheulense penetrou na Europa por duas vias diferentes, ocidente e oriente, predominando no segundo uma indústria de tipos foliáceos finamente trabalhados. O mustierense é oriundo do norte, tendo muito provàvelmente evolucionado do pre-mustierense.

Nota-se em todas as regiões do globo uma grande homogeneidade nas camadas mais primitivas do paleolítico antigo. Durante esse período foram aparecendo aqui e ali alguns tipos mais regionais, como, por exemplo, os descobertos recentemente por M. Reygasse no Continente africano e a que este autor deu o nome de sbaiquiense (de S'baikia) e aterense (de Bir el Ater). Semelhante a esta última indústria aparece em várias estações dos arredores de Madrid uma que recebeu o nome de mustierense *ibero-mauritânico*.

O Autor chama também a atenção para os recentes e importantes descobrimentos do jesuíta P.^o Teilhard de Chardin, no sul da Mongólia e norte da China, que apresentam um aspecto de mustierense europeu. Refere-se longamente às sepulturas intencionais do homem fóssil, cuja existência está seguramente comprovada desde o mustierense, «testemunhando um culto antiqüíssimo aos mortos e uma crença noutra vida para lá da morte».

A geologia, paleontologia e arqueologia da Península Ibérica encontram-se belamente resumidas no capítulo VI. Os seus glaciares quaternários são estudados aqui particularmente, sobressaindo as magníficas páginas dedicadas ao quaternário dos vales do Manzanares e do Jarama, em que existem também importantes estações arqueológicas descobertas por P. Wernert e J. Pérez de Barradas.

A arte rupestre ocupa um capítulo inteiro (cap. VII). O Autor reivindica para Marcelino de Sautuola a glória de ter sido o «primeiro descobridor deste novo ramo da arte mais antiga da Humanidade», ainda que a sua primeira investigação sistemática e científica se deve quasi exclusivamente ao Rev.^{do} P.^o H. Breuil.

O descobrimento da arte rupestre levantina, em Espanha, deve-se a J. Cabré (1903). O Autor, segundo o que já afirmara no seu belo trabalho *Las pinturas rupestres del Barranco de Valltorta* (Madrid 1919), baseado principalmente na fauna por ela representada e na analogia técnica que apresenta com a arte quaternária da região cantábrica, mostra claramente que também é quaternária, e data-a do período capsense, sincrónico do paleolítico superior do sul da França e norte da Espanha. Foi principalmente neste capítulo que o ilustre professor suprimiu «rigorosamente todos os clichés, que, ao serem por elle revistos, com todo o escrúpulo, lhe pareceram não poder resistir à exactidão e exigências científicas», como declara no prólogo da obra.

Ao estudar a cronologia geológica do paleolítico europeu «não pretende discutir a idade geológica do género humano», pois apenas se limita a falar da Europa «que não é precisamente a região que

possa ser tida como berço da humanidade». Depois de ter exposto e criticado o quadro cronológico de A. Penck, propõe uma classificação própria diversa da anterior em pontos importantes, como, por exemplo, na eliminação do mustierense cáldo, que apenas existiu na Europa meridional, e na introdução do chelense típico (fauna cáldica) e do acheulense no terceiro período interglaciário, ficando o prechelense no segundo período interglaciário, visto a sua fauna cáldica característica coincidir admiravelmente com a dêste período, diferenciando-se abertamente da do chelense.

No capítulo dedicado à paleantropologia, um dos principais de toda a obra, assinalam-se os mais importantes e recentes descobrimentos de ossadas humanas fósseis. As novas publicações de E. Dubois não foram suficientes para fazer mudar de opinião ao Autor na questão do *Pithecanthropus erectus*, que êle, «juntamente com outros naturalistas, deixa de relacionar directamente com a árvore genealógica da Humanidade» por insuficiência de argumentos, e porque se deu talvez o caso deveras curioso de ser êste *predecessor* do homem, seu coetâneo na Europa e na própria ilha de Java.

Depois de analisar detidamente as fases de transição do quaternário aos tempos actuais, apresenta o Autor as opiniões de alguns cientistas sôbre a cronologia absoluta da Humanidade. Não lhe parece exagerado atribuir a *toda o quaternário* uma duração de 500:000 a 600:000 anos; e desde o final do máximo do último período glaciário até hoje supõe que terão decorrido uns 23:000 a 25:000 anos. O homem fóssil da Europa aparece já no segundo período interglaciário, que, segundo a classificação do Autor, «corresponde ao quaternário médio, remontando sem dúvida alguma a sua idade absoluta a uma época notavelmente longínqua». Devemos notar contudo que há autores, de não pequena competência, que neste ponto discrepam da opinião do erudito professor matritense.

Esta segunda edição de *El Hombre Fósil*, bem como a primeira, está dotada de índices muito práticos que facultam extraordinariamente a sua consulta: ao alfabético de autores seguem-se o de nomes geográficos e o de matérias, preenchendo, só êles, 44 páginas. A primeira edição (1916) continha 397 páginas, 19 estampas e 122 figuras no texto; a presente aparece com 459 páginas, 26 estampas e 180 figuras.

O que deseje aprofundar algum ponto de geologia, paleontologia, antropologia e arqueologia pre-histórica, encontrará citada nesta obra a principal bibliografia publicada até a data da sua impressão. De Portugal, por exemplo, conhece o Autor tudo quanto se tem pu-

blicado desde os iniciadores destes estudos entre nós até às importantes obras e monografias actuais de J. Leite de Vasconcelos, J. Fontes, A. A. Mendes Correia, F. Alves Pereira, etc., sem falar do que sobre o mesmo assunto têm escrito vários autores estrangeiros, como Breuil e outros.

Tal é a obra de que ainda há pouco assim falava o insigne historiador espanhol D. António Ballesteros no «Discurso de contestación al de D. Hugo Obermaier, en su recepción en la Real Academia de la Historia» (Madrid 1926): *Abrumador es el andamiaje de esta obra maestra. Las notas, la bibliografía y los numerosos grabados patentizan lo ya dicho y que ahora reiteramos; una labor titánica, formidable, una preparación de muchos años, la perseverancia de un espíritu esforzado y la abnegación científica de un sabio.*

Setembro de 1927.

EUGÉNIO JALHAY.

Rascunhos de velharias de Entre-Lima-e-Minho

(Continuado d-O Arch. Port., xxvi, 282)

16. — Duas sepulturas rupestres

O enigma das sepulturas abertas em rocha tem-me, já desde longos anos, obstinado na sua observação, sempre que o acaso mas trazia diante dos olhos, ou da sua menção encontravã leitura. E, se bem que não tenha a pretensão de haver dominado o problema, cuido que não entro na região da fantasia, afirmando que este género de inumações foi só empregado na idade média, desde a mais alta até a mais tarda, pelo menos.

Abertas em rochas hçje isoladas, decerto as mais antigas, ou em poliândrios ao redor de igrejas desaparecidas ou existentes, affectam quasi sempre a forma trapezoidal, muitas vezes complicada da cavidade ou nicho para a cabeça do cadáver, como se se tratasse de múmias do Egipto. A circunstância de, nas proximidades das campas isoladas, aparecerem fragmentos de *tegulae*, tem dado azo a que se suponham do período romano, mas não me parece que este argumento as possa antiquar tanto, pois que as *tegulae* sobreviveram e muito àquele tempo. ¿Quantas sepulturas de médio evo eram formadas de *tegulae* postas de cutelo? E é dessa origem que procedem,